



Editorial

A questão da técnica não é algo novo na filosofia. Embora o termo tenha sofrido mudanças importantes em seu significado, ainda guarda o sentido de um conhecimento prático, muitas vezes traduzido como “arte do fazer, ou produzir”, em oposição a um conhecimento teórico, que se preocupa com as formas conceituais. Se *technê* e *epistêmê*, por um lado, nem sempre correspondem a campos opostos, como podemos ver na maneira de se distinguirem nos diálogos platônicos (há uma *technê* prática que produz algo exterior a si mesma e uma teórica que julga e analisa as coisas), por outro, permanece a distinção entre o que é da ordem do trabalho manual e o intelectual. Aristóteles especifica de maneira mais precisa o sentido de *technê* seja na *Metafísica*, ao acentuar a importância da experiência e da memória para o conhecimento técnico, seja na *Ética a Nicômaco*, quando define as cinco virtudes, dentre as quais a *technê* e a *epistêmê*. Na *Metafísica* o exemplo é o da medicina que identifica a doença e a cura de maneira geral; mas como é uma atividade prática e uma *technê*, diagnostica e cura a Calias, e a Sócrates, e não ao homem em geral. *Technê* é uma disposição que produz algo por meio da experiência e da razão; e, segundo Aristóteles, essa disposição nos distingue dos outros animais.

Com o advento do método e da ciência moderna, culminando na revolução industrial, a questão da técnica ganha novamente interesse e se torna mais específica ao se focalizar na relação direta entre processo dedutivo, produção científica e modelo mecânico da natureza. Assim, para Descartes, corpos orgânicos não se diferenciam, quanto ao funcionamento, dos corpos autômatos e vemos figurar na *Enciclopédia* de D’Alembert o importante verbete sobre a técnica. Afora o desenvolvimento da concepção e da produção industrial dos instrumentos manuais, das ferramentas, dos utensílios, que obedecem ao gesto humano e estão em relação direta com o corpo, surgem máquinas, cujo o funcionamento independe diretamente do homem. Máquinas capazes de produzir outras máquinas, muitas vezes extrair e gerar energia para o funcionamento de outras máquinas numa cadeia de produção autônoma, na qual, o humano é cada vez mais secundário. Esse é o sentido da técnica que se afigura catastrófico e acerca do qual Heidegger procurará refletir em sua conferência de 1954, em oposição à manualidade e à técnica como *poiesis*.

No entanto, nos parece que o ponto central é o da centralidade da técnica e da tecnologia na gênese do humano, como salientou o paleo-anropólogo André Leroi-Gourhan ao demonstrar que o desenvolvimento do cérebro nos humanos é concomitante ao aperfeiçoamento da capacidade manual de fabricar objetos, ao surgimento da palavra e, posteriormente, à possibilidade da representação figurativa que acompanha a invenção dos mitos. Nesse sentido, corrobora-se as intuições de Aristóteles, mas também afigura-se que a técnica não é uma consequência do desenvolvimento da cultura, mas está na própria origem do homem. Quanto à crítica à tecnocracia ou à tecnologia vista como catastrófica, mais recentemente a recuperação dos estudos sobre a técnica de Gilbert Simondon só confirmam a necessidade premente de se repensar os valores associados à produção técnica e à tecnologia dentro de parâmetros que contemplem a relação com a técnica no que ela tem de intrinsecamente humana.



No espírito do pensamento de uma cultura técnica elaborada por Simondon, esse número da revista **doispontos**: não pretendeu apresentar um campo da filosofia que se dedique a analisar a técnica nos seus mais variados aspectos, mas sim a simplesmente procurar proporcionar um panorama da relação entre técnica e filosofia pelo interesse que esta tem suscitado em diversos campos teóricos, que vão desde a análise conceitual e histórica das ilustrações de objetos técnicos na *Enciclopédia* de D'Alembert aos estudos heideggerianos, passando pela filosofia da ciência, pelos estudos de Simondon, Bernard Stiegler e Deleuze. Muitos também são os âmbitos de análise interligados na questão da técnica: teoria do conhecimento, historiografia, estética, ontologia, política, teoria da linguagem, entre outros. Esperamos ter atingido nosso objetivo. Agradecemos a todos que trabalharam nesse número da **doispontos**:. Em especial gostaríamos de agradecer os diálogos, as críticas e sugestões que compartilhamos com Maria Isabel Limongi, sem a qual esse número não seria possível.

Walter Romero Menon

Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
romeromenon@yahoo.fr